



LIVRO DIGITAL

RONI WASIRY GUARÁ

WAIPIERÍÁ

RITUAL DE PASSAGEM

Ilustrações
UZIEL GUAYNÊ

culturas

WAIPIERÍA

RITUAL DE PASSAGEM



2023 © WAIPERIÁ RITUAL DE PASSAGEM

2023 © RONI WASIRY GUARÁ (texto)

2023 © UZIEL GUAYNÊ (ilustrações)

2023 © EDITORA DE CULTURA

ISBN: 978-65-5748-078-6

Todos os direitos desta edição reservados

EDITORA DE CULTURA

Rua Baceúnas, 180

03127-060 – São Paulo – SP

Fone: (11) 2894-5100

atendimento@editoradecultura.com.br

www.editoradecultura.com.br

*Partes deste livro poderão ser reproduzidas, desde que
obtida prévia autorização escrita da Editora e nos limites
da Lei no 9.610/98, de proteção aos direitos de autor.*

Objeto 4: Obras literárias destinadas aos estudantes dos Anos Finais
do Ensino Fundamental; Categoria 5: Populações do Campo, das águas
e das florestas; Gênero Literário: Conto

Primeira edição: julho de 2023

Impressão: 5ª 4ª 3ª 2ª 1ª

Ano: 27 26 25 24 23

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO – CIP

G914w Guará, Roni Wasiry.

Waiperiá ritual de passagem [recurso eletrônico] / Roni Wasiry Guará ;
[ilustrado por] Uziel Guaynê. - São Paulo : Ed. de Cultura, 2025.
1 livro digital (50 p.) : il. ; 20,5 x 27,5 cm.

Livro do professor.

Inclui o Caderno do Educador Mediador.

ISBN 978-65-5748-078-6

1. Literatura brasileira. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Conto. 4. Cultura
indígena. 5. Ritual de passagem. I. Guaynê, Uziel, il. II. Título.

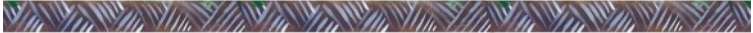
CDU: 869.0(81)-93

CDD: 869.937

Bibliotecária responsável – Simone da Rocha Bittencourt – 10/1171



RONI WASIRIY GUARÁ



WAIPEPIÁ

RITUAL DE PASSAGEM



Ilustrações
UZIEL GUAYNÊ



cultura



SUMÁRIO

1. Força e tradição 6

2. A grande caçada 14

3. O canto sagrado 20

4. O ritual 26

5. A grande festa 34

Glossário 38

Sobre o autor 44


Sobre o ilustrador 46



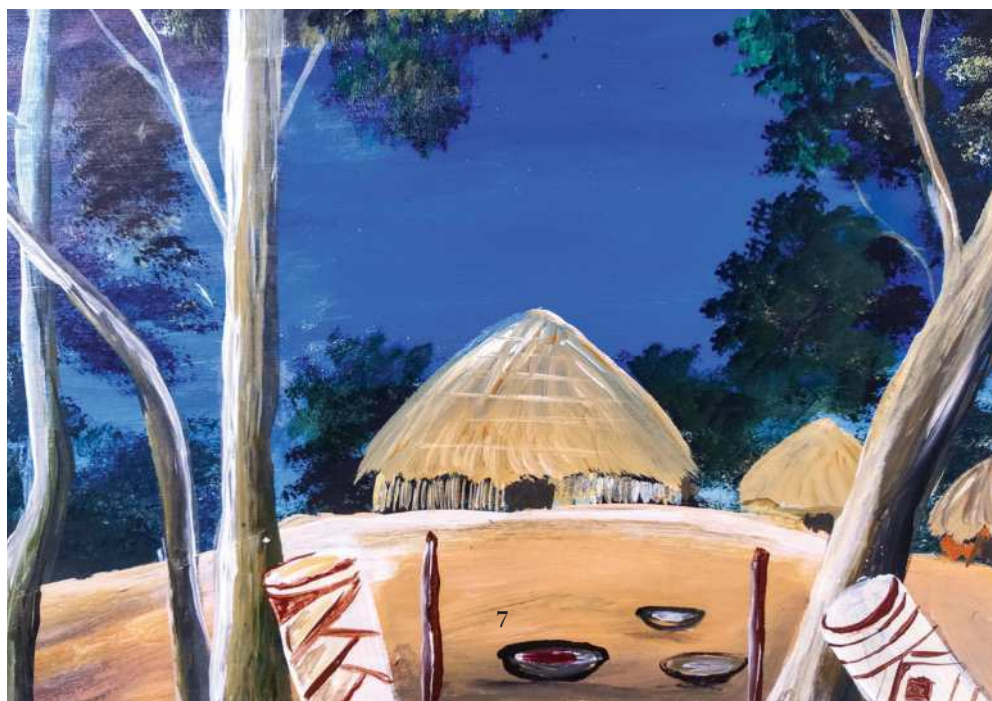
1

FORÇA E TRADIÇÃO



som do *marãgá moraga* é forte, é dia de festa. No centro do terreiro da aldeia, estão as cuias cheias de urucum, jenipapo, e grande parte do povo está ali pintando o corpo, cada um com os traços que identificam o seu clã. É um dia especial. Hoje, os caçadores da temida formiga *tocandira* são aguardados no local de cerimônia da aldeia – dia de ritual. Da grande casa de alimentação, vêm o cheiro e o sabor em forma de fumaça, denunciando o assado de peixes *tambaqui* e *curimatá*, iguarias da culinária amazonense.

A aldeia toda se prepara, durante o ano, para este momento. O *waiperiá* é um dos mais importantes rituais de passagem dentro das tradições do povo Maraguá. É quando os *kuru-mins*, meninos entre os 10 e os 16 anos, colocam a mão na luva de palha tecida, cheia de formigas venenosas. A picada desses ferozes insetos é terrivelmente dolorida, causando uma





reação indescritível em quem se dispõe a participar do ritual, que testa a coragem e a resistência de cada um.

Para alimentar seus espíritos guerreiros, os meninos que irão passar pelo desafio participam de danças preparatórias durante a semana que antecede o ritual. Também passam dias em diálogo com os pais, ouvindo palavras de sabedoria e histórias de grandes guerreiros. Aprendem que, dali em diante, terão de usar todo o seu tempo e a sua força em prol dos parentes.

Para fortalecer o corpo, a mente e o espírito, os *kurumins* bebem **tarubá**, a bebida sagrada, e comem muito peixe, pois precisam estar preparados para as provas difíceis que vão enfrentar.

Página anterior: As tocandiras têm hábitos noturnos, mas, quando amanhece na aldeia, já estão lá as cuias com preparados para a caça.

Ilustração acima: Para fortalecer o corpo, a mente e o espírito, os *kurumins* bebem **tarubá**, a bebida sagrada, e comem muito peixe, pois precisam estar preparados para as provas difíceis que vão enfrentar.

Ilustração à direita: Peixes na grelha e a bebida fermentada **tarubá**: os garotos precisam comer e beber bem, adquirindo a força necessária para suportar a dor das ferroadas venenosas.

Enfim, é chegado o grande dia, o esperado momento. Os participantes têm a face pintada de vermelho, cada um representando sua família. Os braços são pintados com o preto do *jenipapo*, sinal de que estão ansiosos para o grande momento: o dia em que serão aceitos na vida adulta e passarão a ser considerados homens guerreiros, dignos de respeito, para servir a comunidade.

A festa se inicia antes, quando Wāg'dawa, o mais velho *malily*, inicia suas rezas, dança e canta canções especiais, por meio das quais pede proteção para o povo e em especial para os caçadores de formigas. Também canta para espantar os *ãgamarã*, espíritos invejosos, que espalham malefícios para atrapalhar o ritual e prejudicar os jovens na difícil prova do *waiperiá*.



Ao nascer do dia esperado, no clarear da alva, quando o sol beija o amanhecer, os corajosos caçadores de formigas partem floresta adentro. Para esses guerreiros fortes e experientes, conhecedores da floresta, esta manhã sinaliza o fim de uma longa espera. A preparação de um caçador de formigas é demorada e extremamente cuidadosa. Afinal, não estamos falando de qualquer formiga, mas da carnívora **tocandira**, um dos mais perigosos insetos da fauna amazônica.

Famosas por seu tamanho, as gigantes **tocandiras** têm o ferrão na barriga, como as vespas, e dão a picada mais dolorida do mundo dos insetos. Por isso, os preparativos para a caça antecedem bastante o dia da festa, pois somente os que têm experiência de lidar com as grandes formigas são escolhidos para sua captura.

Antes de tudo, é necessário preparar os utensílios para uso dos caçadores: facões de lâmina longa; uma peça de bambu de nome **tóro**, onde vão ser guardadas as formigas capturadas; várias folhas tranquilizantes e aromáticas colhidas na floresta, cuja fumaça servirá para inebriá-las e assim caçá-las



em maior quantidade. Usam-se ainda raízes analgésicas e folhas de caju branco. Além disso, é preciso ter muita, muita coragem. Os caçadores não usam roupa nem pintura especial, eles geralmente são pais, tios ou amigos dos meninos que irão participar do waiperiá.

Mesmo sabendo que os hábitos das tocandiras são noturnos, os caçadores saem cedo para a floresta, procurando encontrar as formigas ainda dentro de suas tocas, feitas ao pé de pequenas árvores. Como são treinados para essa tarefa, os homens conseguem achar os rastros deixados pelos insetos guerreiros mesmo com o chão todo coberto de folhas. Alguns caçadores os identificam pelo cheiro que deixam na trilha. Ao encontrar as pistas dos insetos, eles as seguem até o tronco da árvore onde constataam a existência de um reino da temida formiga.

Ilustração acima: Dois caçadores, saindo para a floresta com facões e demais apetrechos necessários à caçada das formigas venenosas.



– É dos grandes – eles comentam quando veem bastante barro posto do lado de fora do buraco.

São elas que fecham o formigueiro com barro para evitar a entrada de predadores. Os caçadores ficam animados, pois sabem que cumprirão a missão de levar bastante formigas para a festa.



Ilustração à esquerda: O grande pajé inicia o ritual produzindo fumaça com seu cachimbo para que o ritual seja agraciado pelos espíritos protetores e para espantar os espíritos invejosos.




2

A GRANDE CAÇADA





 Os caçadores seguem o caminho que os leva à floresta. Diferentes sentimentos os acompanham: ansiedade, determinação, tradição, intuição. O medo faz companhia também. Afinal, na mata existem muitos perigos. A trilha é úmida, há cheiro de folhas no ar. Dos sons da floresta, vem o canto dos pássaros. Um em especial se destaca: o do sabiá, que parece entender que seu canto acalma os corações. Passo a passo, o tempo passa e a caminhada parece chegar ao seu destino.

Akãg'yba, o mais velho caçador, vê um *apuizeiro*, suas longas raízes pendem do alto de uma palmeira babaçu e sua seiva vai servir aos objetivos do dia. O hábil caçador faz um corte em uma das raízes da árvore e, com o líquido que sai desse pedaço de árvore, lambuza as palhas que Akçag'pewa tirou do pé espinhoso do *tucumãí*, palmeira abundante na floresta amazônica.

Com muito cuidado, temendo o inesperado, os caçadores chegam bem perto da árvore, onde, encostada ao tronco, se vê a entrada da casa das formigas. Batem na árvore com os facões



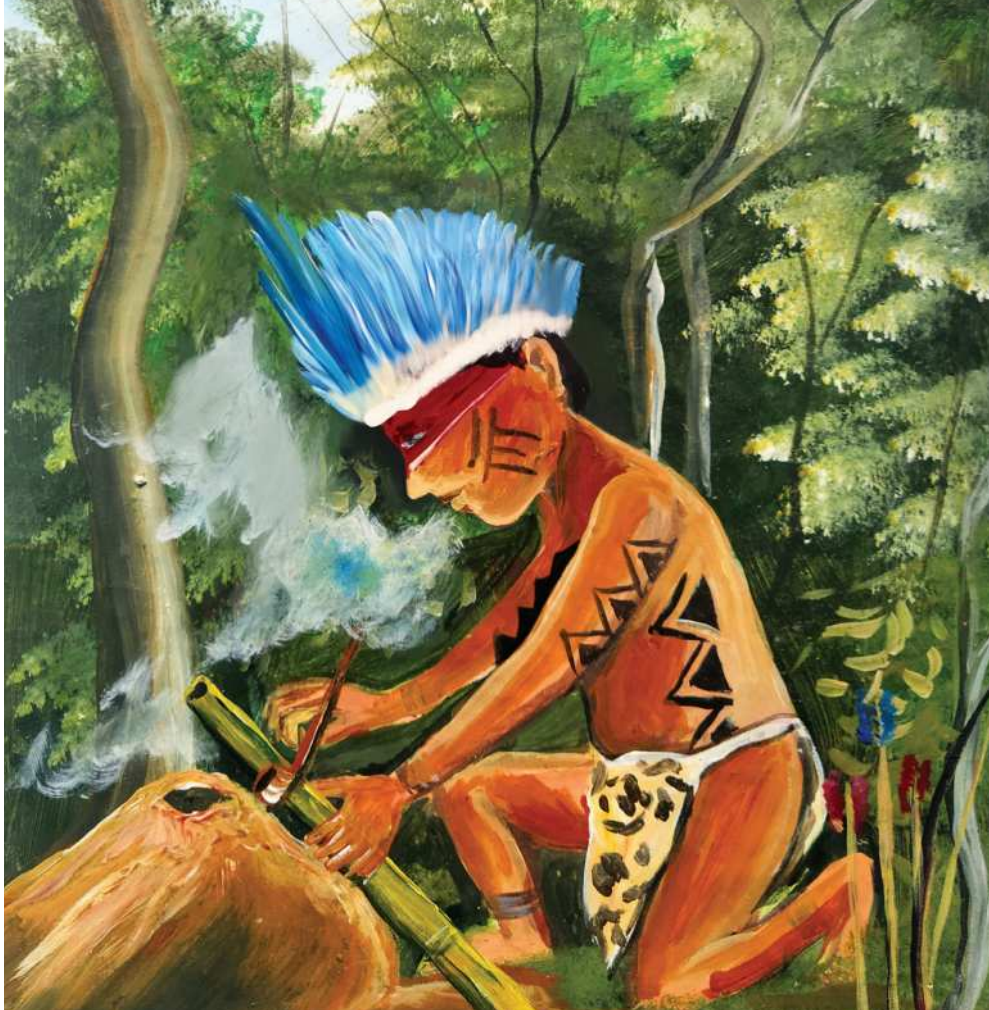
Ilustração acima: É ao pé do apuizeiro que as tocandiras fazem suas tocas.

e aguardam. É chegada a hora: tensão, suor e medo se misturam. Os corações disparam quando se ouvem os estalidos de guerra das tocandiras. O confronto começa. Quando atacadas, essas formigas produzem um barulho igual ao dos soldados que marcham para a guerra. Sua ferroadada é tão potente que, se não for tratada, pode causar a morte. Mas os nativos da floresta sabem muito bem que, para lidar com elas, precisam conhecê-las, respeitá-las, e isso eles fazem muito bem.

Os caçadores são rápidos. Um por vez, enfiam sua canaleta de palha embebida na seiva do apuí no buraco do chão. Tudo é feito seguindo as tradições, de forma ritualística.

As formigas se lançam em contra-ataque. Avançando nas palhas, tentam se defender dos invasores, mas acabam grudadas nas canaletas lambuzadas com o líquido do cipó. O caçador logo coloca sua canaleta dentro do bambu, que é onde as formigas capturadas serão levadas até a aldeia.

Quando os caçadores constatam que já têm insetos suficientes, cessam a caça, se desfazem das palhas, jogando-as para longe do buraco das formigas, acendem as ervas aromáticas e



dão baforadas de fumaça para dentro do bambu. Isso acalmará as formigas guerreiras e as manterá sossegadas na viagem de volta. Em transe por causa da fumaça, elas somente serão manuseadas mais tarde, na cerimônia. Assim, os caçadores retornam para a aldeia. Parte da missão está cumprida.



Ilustração acima: O caçador assopra a fumaça preparada para tontear as formigas. Com a mão direita, enfia o cipó grudento no formigueiro. Na esquerda, segura o bambu, onde irá transportar as tocandiras.

Ilustração à direita: O longo bambu, chamado tóro, é carregado pelos caçadores, que dentro dele vão depositar e transportar as tocandiras caçadas.







Na aldeia, o sol do verão se mostra bem forte, queimando a pele como de costume no calor amazônico. Tempo bom esse, quando à noite se pode deitar na areia macia da praia e contar as estrelas. Mas é dia de ritual. No grande terreiro de terra cinzenta, no meio da aldeia, entre sorrisos e espera, o povo se ajunta. Naquele local, onde já houve muitos acontecimentos importantes, a voz rouca do *malily* entoia o *Ãgatú*, cântico de boas-vindas. Outra parte do ritual se inicia.

Cantando, o pajé passa o poder à matéria invisível, a força espiritual que abençoará o tarubá, a bebida que irá alimentar a todos. Preparado com o caldo de mandioca trinta dias antes da festa, é resultado dos trabalhos tradicionais das famílias de agricultores, os clãs que lidam com a roça.

O canto fala da alma boa que os homens precisam ter.

Nhêeee, êeee, êeee hô.

Hô, hôo, hôoo, hôoooo.

Nhê he, nhê he, nhê he.

Nhêm he, nhê he, porã tê

Nhêm he, nhê he, porã tê.

Nhêm he, nhê he, porã tê.



A canção vem como um antídoto destinado a desativar os temores e difundir energias positivas para os que aceitaram o convite de, com sua coragem, bater o pé no chão, cantar, dançar e fortalecer a tradição de um povo que vive sobre a terra vermelha. E, assim, levam os mais novos a se apropriar do conhecimento ancestral, tornando aquele momento um encontro que revela que não vivemos sós, que um faz parte do outro, que juntos somos mais fortes.

Com o retorno dos caçadores, o som dos tambores só aumenta. De braços dados em uma grande roda, o povo dança. Na terra seca, ouve-se o bater forte dos pés no chão, e o dançar tradicional levanta poeira no ar. O velho pajé traz na mão o *marãgá moraga* e o sagrado cocar colorido na cabeça.

Ilustração acima: No tempo bom do verão, adultos e crianças deitam na praia do rio, descansando e contando estrelas. Quando amanhecer, será o dia do ritual.

Ilustração à direita: Dança dos meninos, já pintadas as mãos com o preto do jenipapo. No lado direito, as tocandiras – uma preta, outra vermelha, pois existem os dois tipos.

O líder espiritual sai de onde está e caminha em direção ao grande barracão. Ali, muitos convidados já estão à espera. No centro do ambiente, há um enorme bambu atravessado na posição horizontal. No meio dele, estão presas duas pequenas varas: lá irão ser postas as luvas a serem calçadas pelos jovens que se candidataram ao ritual.

A presença dos caçadores no ambiente precisa ser festejada, pois só então se inicia a cerimônia com a minuciosa passagem das formigas para as luvas fabricadas com um delicado trançado de fibras de warumâ. Os caçadores agem rápido. Em uma bacia com água, são acrescentadas folhas de caju, que são esmagadas por um dos caçadores até que a água adquira uma cor esverdeada. É nela que serão postas as formigas. O bambu recheado de insetos é finalmente aberto. As formigas



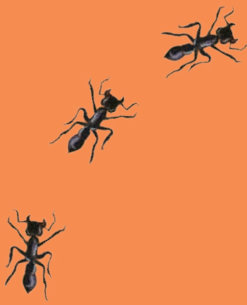


Ilustração acima: A dança inclui a colocação das luvas, passando de um a um, como parte do ritual.

que foram ali depositadas estão sonolentas, devido às ervas usadas, e são mergulhadas na bacia para o banho que as deixará completamente adormecidas.

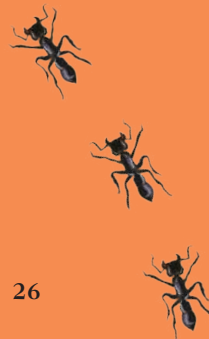
É chegado um dos mais altos momentos da festa, a hora em que as luvas receberão as formigas. Mergulhadas na água verde, nem o mexer das mãos dos caçadores acorda os insetos gigantes. Uma a uma – todo o cuidado é necessário –, as tocandiras são inseridas nos locais onde se cruzam as fitas de fibra da luva. Cada caçador usa um pedaço de osso para realizar a tarefa. Isso os ajuda na colocação, para que não se extravie uma formiga sequer. Perder um inseto seria desleal em relação à natureza, que doou seus filhos em prol de outros filhos.





4

O R I T U A L





As luvas, objetos centrais da cerimônia, ainda exalam o cheiro forte das verdes fibras do *warumã*. Elas foram confeccionadas especialmente para este dia e, a cada ritual, se fazem novas luvas; as usadas são utilizadas como decoração do barracão onde se realizam as cerimônias. O trançado das fibras também é especial, representando, de um lado, a força material e, de outro, a força espiritual. Bem no centro da luva, uma figura ilustra o *guarungá*, o peixe-boi, símbolo maior do povo Maraguá.

Assim que todas as formigas se encontram presas no trançado, os caçadores entregam as luvas ao pajé e, nesse exato momento, todos juntos dizem uma mesma frase:

- *Yané yetanõg, qui Monãg ikó inderú.*
- *Nosso presente, e que o Criador os proteja.*



Foto: Acervo pessoal do autor

Wãg'dawa se dirige lentamente para o centro do barracão, onde estão as duas pequenas varas presas no bambu, e ali coloca as luvas. Acende ervas em seu cachimbo e sopra a fumaça sobre elas, despertando as formigas.

Elas acordam furiosas por estarem presas às luvas e, assim, estão prontas para o ritual. Os *kurumins* e o povo aguardam. Para as cerimônias desse ritual, são convidadas todas as comunidades da região e seus muitos cantores. A festa vai durar o dia todo e penetrar noite adentro.

O velho Amoyã pronuncia as palavras sagradas, anunciando o próximo passo:

– *Âgatu, ãgorô, água.*

– *A alma pura viverá.*

Então, chama seu neto, que será o primeiro a pôr a mão na luva.

– *Mapuyã, dance comigo.*

O menino estende as mãos sobre o bambu para receber as luvas. Ouvem-se os ruídos furiosos das formigas, que atacam,

Página anterior: As formigas sendo colocadas na luva a ser calçada pelo kurumim.

Ilustração à direita: O mais velho pajé faz o ritual, colocando as luvas no menino.

picando as mãos de *Mapuyã*, cuja primeira reação é bater os pés no chão, para que, assim, o corpo reaja com força, combatendo a terrível carga de veneno que atinge sua corrente sanguínea. É o momento em que todos os sentimentos se misturam, eis a força mágica do ritual.

Os cantadores em círculo, de braços dados com os demais, pegam o agraciado pelos braços e entoam cânticos que falam de boas novas, de fartura, de respeito, de aventuras, de força e de sentimentos bons. Lentamente, lado a lado, seguem em dança, respeitando os passos um do outro. E assim permanecem, dando voltas no bambu que está no centro do barracão.



O menino com as luvas sente que suas forças o abandonam, tentando fazê-lo fraquejar. Este é um dos grandes conflitos da vida. Mas, como todo homem/guerreiro, ele se ergue altivo, como um verdadeiro vencedor. Não chora, não grita, apenas dança. Sabe que não pode parar, ou sair correndo, nem tampouco tirar as mãos da luva, pois isso o levaria à reprovação. Sabe que ser reprovado no ritual traria uma dor muito mais intensa e longa que a das picadas.

Enfim, acaba a prova do primeiro *kurumim*. A emoção do momento é de admiração, ele suportou o tempo das canções, a dança faz pausa. O valor da cultura tradicional do povo se mostra na face suada e vermelha de quem agora entregará os itens do rito de passagem para outro garoto, seguindo assim a tradição. As duas luvas serão usadas por todos os meninos.

Então, de forma organizada, prolonga-se o ritual. Os meninos, um após o outro, cada qual com uma reação peculiar – uns chegam a chorar, outros soltam sorrisos no ar, fazem caretas, tudo é aceito neste momento –, seguem firmes,

dançando. O ritual continuará até que o último menino tenha posto as luvas.

A música não pode ser interrompida, pois é a responsável pelo movimento da dança, que os meninos não podem parar, sob pena de serem dominados pela fraqueza, pela dor e pelos espíritos ruins. Precisam estar ativos, dando mostra de suas forças e de suas almas boas. No ritual, a luz interior se evidencia quando eles entendem que um coração revoltoso não pode ser contemplado como vencedor.

Quando o último *kurumim* retira as luvas, a música dá uma pausa. Os olhos vermelhos transmitem uma mensagem íntima, que se revela de dentro pra fora: o choro, não por causa da dor, mas pela emoção vivida, exhibe o espírito de vitória pela força da tradição. Embora sintam a responsabilidade sobre os ombros, os meninos guerreiros também se sentem mais leves após o importante momento experimentado.

E novamente os tambores rompem o curto tempo de silêncio. Uma nova batida, outra melodia: é o chamado para que se forme o grande círculo, que agora é de todos. Avós,

pais, tios e primos juntam-se para, de braços dados, cantar o canto final, encerrando e completando mais um forte elo que os mantém firmes na tradição. Um tipo de alívio é notado naqueles que pouco antes participavam do ritual de passagem.

O espírito está renovado. Eles venceram!



Ilustração à direita: “Enfim, os meninos se tornaram guerreiros. Como homens adultos, eles têm um lindo caminho a percorrer. O sol, ao fundo, brilha para uma nova fase de suas vidas. A janela do destino (à esq.) se abre para eles. E as borboletas são a metamorfose que se seguirá”. Assim Uziel descreve a ilustração que criou para o final do ritual.







Ao cair da tarde, o sol amarelo-ouro é prova de que tudo correu bem, o dia passou, dúvidas foram respondidas. Sorrisos, choros, força, coragem, superação fizeram parte do dia histórico, especial, dia de ritual. Quando o poder das formigas já está dominado nos corpos dos meninos, é hora de abraçar, festejar e agradecer. A dor das picadas dos insetos ainda se mostrará nas 24 horas seguintes, perdendo a intensidade com o caminhar do tempo até cessar definitivamente. Mas os meninos não se recolhem: eles participam de tudo, são eles os protagonistas da festa.

Desta vez, todos conseguiram. Quando acontece a reprovação, o *kurumim* terá nova oportunidade no ano seguinte, quando outra festa vai acontecer. E sempre há os que, mesmo aprovados, escolhem participar novamente, por acreditar que, assim, irão encorajar outros meninos a passar pelo desafio.

Na grande cozinha, a mesa está repleta de panelas com mingaus – de tapioca, de milho, de crueira (subproduto da mandioca), de cará (inhame) roxo e branco.

Os *kurumins* e as cunhatãs correm de um lado a outro com as mãos cheias de *pyracuí*. Outros assam bananas na brasa ardente feita com ouriços de castanha.

Os pais, reunidos, relembram os feitos do dia gravados em suas mentes e em seus corações, assim como o tempo em que foram eles a enfrentar o desafio da tradição. Imaginam a tristeza que alguns viveram na ocasião por terem sido derrotados no ritual. No entanto, o momento é de alegria. Os parentes comemoram a chegada dos novos membros do povo, outrora meninos, agora guerreiros, caçadores, pescadores, agricultores, pensadores de um povo lutador.

Todos os clãs foram representados pelos *kurumins* que se tornaram homens, deixaram a infância para experimentar a



partilha das responsabilidades. Tudo o que fizerem, a partir de agora, será para ajudar o outro, ajudar a família: alguns irão plantar, outros, fazer casa, outros, caçar, pescar, crescer e aprender para o bem comum; outros irão para a cidade estudar, buscar uma formação para, assim, também ajudar nos objetivos do seu povo.

Logo chegará o momento em que eles formarão suas famílias. Tempo de cuidar de tudo e de todos, tempo de guiar outros filhos.



Ilustração à esquerda: uma luva trançada, pronta para receber as tocandiras.



GLOSSÁRIO



VOCÊ SABIA ?

Palavras indígenas nomeiam a maior parte das plantas e animais do Brasil, além de muitos topônimos – isto é, nomes de lugares. No entanto, é muito recente o movimento de recuperação das línguas indígenas registradas e faladas no país. As aqui arroladas são as que foram utilizadas pelo autor, da etnia Maraguá.

De acordo com a professora Ana Suelly Cabral, pesquisadora das línguas indígenas na Universidade de Brasília, cerca de 80% das palavras que designam plantas e bichos brasileiros são oriundas do Tupinambá, o mais conhecido idioma nacional nativo. Aliás, o tronco Tupi é um dos grandes agrupamentos linguísticos do Brasil, compreendendo 40 línguas, o que corresponde a 22,2 % do total de idiomas indígenas em uso no Brasil.

Fonte: <https://memoria.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2015/10/palavras-indigenas-nomeiam-maior-parte-das-plantas-e-animais-do-brasil>. Acessado em 9 jul 2023.



Ãgamarã – espírito mau.

Ãgatú – alma boa.

Ãgatú, ãgorô, água – “a alma pura vencerá”.

Amoyã – avô de todos.



Apuizeiro – árvore típica da região amazônica. Seu fruto, o apuí, é muito doce e atrai pássaros, que levam as sementes para o alto das palmeiras, onde elas germinam e lançam raízes do alto para o solo. Já no chão, esses cipós se enterram e criam novas raízes, que acabam por matar a árvore hospedeira.

Cunhatã ou cunhantã – menina, segundo o Dicionário Aurélio, é uma variação de cunhantaim (a-ím), mulher adolescente.

Curimatá ou curimatã – peixe prateado encontrado em todo o território nacional, de carne saborosa, mas que lembra o gosto de barro, pois se alimenta do lodo do fundo de rios e lagos. Também chamado de “papa-terra”.

Guarungá – peixe-boi, animal sagrado, é o símbolo maior do povo Maraguá. No Brasil, existem os de água doce e os marinhos, estando ambos ameaçados. Sendo mamíferos, saem à tona para respirar.

Jenipapo – fruto do jenipapeiro, do qual se tira uma tinta de cor preta, usada pelos povos indígenas para pintura corporal. Seus frutos servem também para a confecção de doces e licores.

Kurumim – menino, já dicionarizado na forma “curumim”, com o significado de rapaz jovem, garoto, menino. No plural: curumins.

Malily – líder espiritual na tradição Maraguá.

Ilustração à esquerda: Acabada a festa, ficam as lembranças: a arara, ao lado de uma praia de rio, e uma luva igual às usadas no ritual, enfeitam o dia da aldeia, que agora tem mais guerreiros.

Mapuyã – aquele que conquista.

Marãgá moraga – maracá, instrumento sagrado; feito com cabaça e preenchido com pedrinhas e sementes.

Pyracuí ou piracuí – farinha de peixe muito utilizada em farofas, tortas e nos famosos bolinhos de piracuí de Santarém, cidade do estado do Pará.

Tambaqui – espécie de peixe de carne saborosa encontrado em rios da Bacia Amazônica, também conhecido como pacu-vermelho. Chega a ultrapassar 1 metro de comprimento e a pesar 45 quilos.

Tarubá – bebida feita a partir da raiz da mandioca ralada, fermentada e coada. É tomada como fortificante diluída em água, mas, se a massa ficar muito tempo em fermentação, pode se tornar alcoólica e provocar embriaguês.

Tocandira – uma das maiores e mais ferozes espécies de formiga. Chega a medir de 2,5 a 3 centímetros. O efeito de seu veneno dura até 48 horas, sendo as primeiras 12 as de maior intensidade. As ferroadas deixam manchas e calombos nos locais atingidos.

Tóro – pedaço de bambu ou madeira.

Tucumãí, tucumã ou tucum – palmeira da região amazônica, muito usada por seus produtos: palmito, frutos comestíveis, óleo

feito com suas sementes e folhas, que servem para produzir redes e cordas resistentes à água salgada.

Ukái – bambu.

Urucum ou urucu – semente do urucuzeiro, que serve para fazer a tinta vermelha usada na decoração corporal indígena. Também é usada para realçar a coloração dos alimentos, quando as sementes são trituradas e viram pó, então com o nome de colorau.

Wãg'dawa – denominação dada aos espíritos que voam, aqueles que habitam o espaço e, segundo os grandes sábios, são capazes de se teletransportar pelo poder das rezas. Para o povo Maraguá, existem os espíritos que habitam as florestas, os que habitam as águas e os que habitam o espaço (voam).

Waiperiá – (pronuncia-se uaiperiá) ritual de passagem do menino para a idade adulta, também chamado de “festa da tukandira”, a terrível formiga venenosa (ver *tocandira*).

Warumã ou arumã – arbusto, espécie de cana de caule liso e reto presente nas grandes matas, cujas fibras servem para fabricação de cestas e outros artesanatos.

Yané – nosso.

Yetanõg – presente.

SOBRE OS AUTORES

TEXTO

Roni Wasiry Guará. Sou natural do Paraná dos Ramos no baixo Amazonas (AM), onde nasci no ano de 1975. Mesmo nascendo em terras do povo Sateré, sou filho de um Maraguá, meu espírito e minha luta pertencem ao meu povo, um dos poucos de linhagem Aruak na região onde moro.

Sou um contador de histórias. Fui sonhado no tempo das estações em que brotam as flores, antecedendo os frutos. Nasci como nascem as histórias dos grandes heróis, num dia em que os raios e trovões riscavam o céu com toda a força. Embora fosse tempo dos ventos fortes, que balançam as copas das grandes árvores e agitam os rios, também sou calma, tenho o espírito dividido entre o fogo e a água. Sou afilhado do vento.

Sou formado em Licenciatura e Pedagogia Intercultural Indígena pela Universidade do Estado do Amazonas ((UEA-AM). Atuo como pedagogo em uma escola estadual, trabalho com projetos voltados ao desenvolvimento sustentável, à preservação do meio ambiente, ao manejo florestal e a novas técnicas agrícolas para as florestas amazônicas. Também sou palestrante sobre temas sociais, culturais e educacionais indígenas.

Imagens à direita: O autor mostra como são colocadas as luvas nas mãos dos jovens candidatos que se apresentam para o ritual da maioridade.

Sou autor de livros voltados para a infância. Entre minhas obras literárias estão *O caso da cobra pega pelos pés* (2009); *Mondaygará – Traição dos Encantados* (2011); *Çaiçú Indé – O primeiro grande amor do mundo* (2011); *Árvore da Vida* (2014); *Vozes ancestrais* (com Daniel Munduruku, 2016); *La première femme du monde-Contes indiens et chamanes du Brésil* (vários autores, França, 2018). Escrevi também *Olho d'água – O caminho dos sonhos*, vencedor do 8º Concurso FNLIJ Tamoios de Textos de Escritores Indígenas.

Moro no município de Boa Vista do Ramos (AM), que fica a pouco mais de 500 quilômetros da capital, Manaus. Sou casado, pai de dois filhos – a bela Isadora e o guerreiro Riki. A maior parte do meu povo vive na reserva indígena Maraguapajy, o País dos Maraguá, no município de Nova Olinda do Norte (AM), às margens do baixo rio Madeira, que também abriga representantes das etnias Sateré-Mawé e Munduruku.

Contato: roniwasiry@gmail.com



Acervo pessoal do autor



ILUSTRAÇÕES

Uziel Guaynê Oliveira. Em meu *blog* (<https://uzielguayne.blogspot.com/>), celebro os ancestrais e a natureza com uma frase: A sabedoria ancestral está gravada na mente dos nossos velhos sábios. Daí então, passarão para nós e, assim, seremos sábios como os antigos. Mas cabe a cada um adquiri-la. Salve a mãe-natureza”.

Sou filho do povo indígena Maraguá, nascido no Amazonas. A maior parte da minha infância, passei entre a aldeia e a cidade. Aos 12 anos, fui morar em Parintins, onde terminei o ensino médio. Depois, mudei para Manaus, onde me diplomei como técnico em enfermagem e passei a trabalhar na área de saúde no Hospital Adventista e em outras instituições.

Sendo também artista plástico, colaborei por algum tempo na confecção artística do boi-bumbá de Parintins.

Em 2007, de volta para minha aldeia Yãbetue’y, na área indígena Maraguá do rio Abacaxis, me dediquei à saúde comunitária de meu povo. Em paralelo, continuei a pintar telas para exposições e a produzir esculturas.

Já participei, com minhas obras, de diversas exposições, e também dei aulas de arte em muitos lugares. Ilustro livros, como *As pegadas do Kurupyra e Wirapurus e muirakitãs*, do escritor Yaguareê Yamã, além do livro *Historinhas marupiaras*, de Elias Yaguakãg.

Imagem à direita: O pintor Uziel Guainê em seu estúdio no Amazonas.

Sou pai de Jonas Estevam Oliveira e tenho uma filha, Paola, de meu casamento com Ana Paula de Oliveira.

Integro o NEArIn (Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas do Brasil), com sede no Rio de Janeiro, e sou afiliado ao Inbrapi (Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual).

Contato: guayneuziel8@gmail.com



Foto: Ana Paula do Nascimento Oliveira



Direção editorial
MIRIAN PAGLIA COSTA

Direção de infantojuvenis
HELENA MARIA ALVES

Coordenação de produção
MARIA ÂNGELA SILVEIRA DE SOUZA

Criação de Texto e Fotos
RONI WASIRY GUARÁ

Ilustrações
UZIEL GUAYNÊ

Revisão e Glossário
ELAINE MARITZA DA SILVEIRA
PAGLIACOSTA EDITORIAL

Capa e Diagramação
MAURICIO NISI GONÇALVES



Segundo o geógrafo e escritor Yaguarê Yamã no conto “A gênese Maraguá e a origem do mundo” (<https://blogdeyaguare.blogspot.com/p/povo-maragua.html>), os Maraguá são netos de Monãg, o criador do universo, e filhos de Wasiry, que saiu da casa do pai e criou o que existe na terra. Falam o idioma ensinado por ele, e sua cultura é a que ele trouxe de quando morava com Monãg. Ele povoou o mundo com águas, plantas e pessoas. Estes descendentes conservam as tradições que Wasiry deu a seu povo, como as artes de fabricar bonitas vasilhas de cerâmica e de fazer pinturas corporais; o costume de apontar os dentes para melhor mastigar peixes; os hábitos alimentares, a luta corporal Piãguá e o rito de passagem dos meninos para a idade adulta – ou seja, o *Waiperiá*, em que os jovens precisam suportar as ferroadas da terrível formiga tocandira (*Paraponera clavata*) e não podem parar de dançar enquanto são picados. Quem resistir estará pronto para ser guerreiro, caçador, pescador, construtor de família e também estará apto a ser representante da sua comunidade.

cultura

